

ATAQUE DOS EUA AO IRÃ: ANÁLISE DE CENÁRIO E ASPECTOS ESTRATÉGICOS E OPERACIONAIS

Enquanto a diplomacia busca um acordo nuclear, os EUA preparam uma campanha militar prolongada contra o Irã, aumentando sua presença militar na região; a tensão cresce, com o risco de uma guerra em grande escala no Oriente Médio.

Rodolfo Queiroz Laterza*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

De acordo com a mídia internacional, citando autoridades norte-americanas, o Pentágono está considerando um cenário não de um ataque único, mas de uma campanha militar prolongada (possivelmente várias semanas) contra o Irã, caso o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, dê ordem para tanto. O próprio fato de uma fuga de informação sobre tal planejamento aumenta as apostas em contatos diplomáticos paralelos e torna a fase atual da crise mais arriscada.

A dinâmica atual é baseada na combinação de negociações em posição coercitiva e reforço crescente de unidades militares em posições favoráveis à deflagração de um ataque de alta escala. Apesar dos recentes contatos entre os EUA e o Irã sobre o programa nuclear, mediados por Omã, Washington está simultaneamente reforçando a sua presença no Oriente Médio: segundo representantes norte-americanos, estão sendo enviadas forças adicionais para a região, incluindo um segundo porta-aviões (USS *Gerald R. Ford*, cuja transferência demorará pelo menos uma semana), aeronaves de combate, destróieres de mísseis guiados e outros meios capazes de

lançar ataques de mísseis de longo alcance e assegurar a defesa aérea/antimísseis. Em declarações públicas, a Casa Branca confirma que Trump “*considera todas as opções*”, e o próprio presidente sublinha que é “*difícil*” chegar a um acordo com Teerã e que o fator medo, na sua lógica, pode forçar uma solução.

DIPLOMACIA VS. FORÇA: A ESTRATÉGIA DUPLA DOS EUA

A pressão coercitiva como instrumento de negociação nuclear



Posição dos EUA: pressão da força para o processo de negociação

Posição do Irã: disponível para negociar o nuclear, mas adverte para retaliação

Estratégia dupla adotada pelos EUA na crise nuclear com o Irã: de um lado, o canal diplomático mantido aberto por meio da mediação de Omã; de outro, a escalada militar crescente como instrumento de pressão coercitiva. O ponto de decisão, entre o fim de fevereiro e o início de março de 2026, define dois cenários possíveis: um acordo negociado ou uma guerra regional de grande escala.

A principal diferença em relação à operação norte-americana do ano passado é a escala e a duração. Enquanto as ações anteriores eram descritas como um ataque limitado no tempo, com resposta mínima do Irã, os planos atuais implicam uma campanha mais complexa, na qual os alvos podem incluir não só elementos da infraestrutura nuclear, mas também instalações governamentais e militares. Ao mesmo tempo, na avaliação norte-americana está implícita a expectativa de uma resposta do Irã e um provável intercâmbio de ataques durante um certo período, o que automaticamente aumenta o risco de envolvimento da região e de ameaças às forças e bases norte-americanas.

A retórica das partes aumenta ainda mais o limiar de escalada. Trump admite formulações mais duras, chegando a apoiar a ideia de uma mudança de regime, e liga a pressão a um conjunto mais abrangente de queixas (programa nuclear, mísseis balísticos, apoio a grupos armados regionais, política interna). O Irã, por sua vez, sinaliza a disponibilidade para discutir restrições ao programa nuclear em troca do levantamento das sanções, mas rejeita discutir o tema dos mísseis e adverte para possíveis ataques a instalações norte-americanas na região. Neste contexto, é mencionada a geografia da presença norte-americana – uma rede de bases e instalações em vários países do Oriente Médio –, o que potencialmente torna a campanha e as

respostas uma questão de múltiplas consequências.

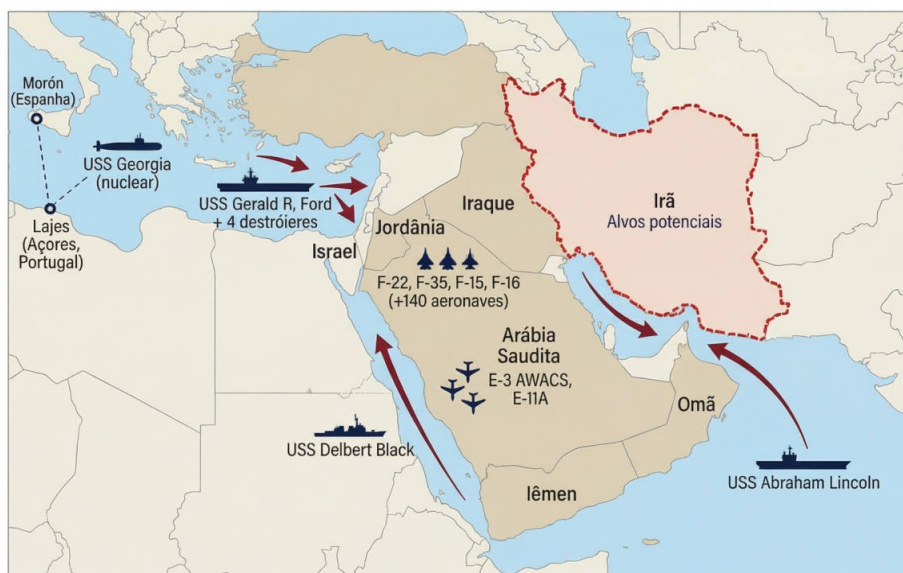
Um fator adicional é Israel. À margem das consultas em Washington, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, sublinha que qualquer acordo deve levar em conta parâmetros críticos para Israel – ou seja, o processo de negociação não é “puramente bilateral” e permanece politicamente integrado na configuração regional de ameaças.

Também é mencionado um episódio de negociação previsto: prevê-se que os enviados norte-americanos Steve Witkoff e Jared Kushner tenham contatos com o Irã na próxima semana, em Genebra, com a mediação de Omã, o que indica uma tentativa de manter o canal diplomático aberto mesmo com uma pressão militar ostensiva.

Os sinais indicam, portanto, que os Estados Unidos estão preparando não um ataque único, mas uma campanha de várias semanas, antecipando uma resposta do Irã e o risco de uma escalada do conflito para uma crise regional. O reforço do grupo de porta-aviões, mantendo o canal de negociação, funciona como uma pressão “da força para o processo de negociação”, mas o alargamento dos possíveis alvos aumenta a probabilidade de uma troca prolongada de ataques e de incidentes em torno das bases norte-americanas e das principais rotas marítimas, tornando os próximos dias críticos para a escolha entre um acordo e uma escalada.

O grupo de ataque do porta-aviões USS *Gerald Ford*, com os destróieres USS *Mahan*, USS *Winston Churchill*, USS *Bainbridge* e USS *Thomas Hudner*, se concentra na área leste do Mediterrâneo. É provável que este grupo se encontre ao largo de Israel em caso de guerra para proteger o espaço aéreo. Algumas embarcações de escolta podem, no entanto, dirigir-se ao Mar Vermelho.

A ESCALADA MILITAR DOS EUA NO ORIENTE MÉDIO



Cronologia dos Movimentos

- Início de fev.**
USS Abraham Lincoln e USS Delbert Black posicionados
- 1ª semana de fev.**
F-35, F-22, F-15/F-16 chegam à Jordânia; AWACS à Arábia Saudita
- 19 de fev.**
Mais de 140 aeronaves nas bases; 7 F-22 adicionais partem dos EUA
- Final de fev.**
USS Gerald R. Ford chega ao Mediterrâneo Oriental
- Início de março**
Força total atingida; prontidão máxima

Campanha estimada: várias semanas | **Alvos:** infraestrutura nuclear, instalações governamentais e militares

Posicionamento das forças norte-americanas no Oriente Médio e cronologia dos principais movimentos registrados entre o início e o final de fevereiro de 2026. O mapa indica os grupos de ataque aeronaval, aeronaves de combate e vigilância, e bases de apoio logístico. A linha do tempo destaca o início de março como o momento de prontidão máxima das forças.

Da base naval de Kings Bay, o submarino estratégico nuclear USS *Georgia* foi mobilizado, sendo provavelmente destinado a apoiar o grupo americano contra o Irã.

No início de fevereiro, passaram pelo leste do Mar Mediterrâneo, dois grupos: o destróier de mísseis guiados USS *Delbert Black*, que opera no Mar Vermelho, e o grupo de ataque liderado pelo porta aviões USS *Abraham Lincoln*, estacionado na mesma zona, abrangendo o Mar Árábico e o Golfo de Omã.

Nos últimos dias da primeira semana de fevereiro, mais 18 aviões F-35 voaram para a Jordânia. Doze F-15E deixaram a base aérea de As-Salt, na Jordânia, no âmbito de uma rotação, mas uma nova remessa de aviões de combate chegou a caminho da região do Oriente Médio. De acordo com fontes dos EUA, voaram para a Jordânia, provavelmente, 12 caças F-22, além da chegada de 24 a 36 aviões F-16 e F-15. E dois aviões AWACS E-3G chegaram à Arábia Saudita.

Analisando estes movimentos, as conversas sobre uma possível mudança na via de negociações parecem, para dizer o mínimo, inconsistentes. E tudo indica que os americanos estão mais inclinados a uma operação militar do que para o diálogo.

O próprio fato de enviar o porta aviões *Gerald Ford* para uma nova zona de destino no Oriente Médio sugere que a Casa Branca está com pressa: o porta-aviões e as embarcações de escolta estão, de fato, em missão de combate desde junho, e com este novo deslocamento a missão vai se prolongar.

Em 19 de fevereiro, mais de 140 unidades de vários tipos estavam estacionadas nas bases aéreas do Oriente Médio. Outros sete F-22 partiram dos Estados Unidos e, provavelmente, também se dirigem para as fronteiras iranianas.

Além disso, já existem cinco E-11A na Arábia Saudita. Este é um centro aéreo de retransmissão e comunicações que opera no interesse de unidades de operações especiais em condições físicas e climáticas difíceis.

As aeronaves de reabastecimento no verão eram mais numerosas nas bases aéreas do Oriente Médio, mas agora parte da aviação foi alocada em estações intermediárias nas bases aéreas de Morón, na Espanha, e em Lajes, nos Açores, Portugal. E os voos ainda continuam, portanto o número aumentará nos próximos dias.

No que diz respeito às perspectivas de uma operação prolongada contra o Irã, já podemos notar que o número de voos de aeronaves de transporte militar para o Oriente Médio excede os níveis do verão. E o círculo de reconhecimento aumentou exponencialmente – só a transferência de quatro E-3 dos EUA prova isso.

Se compararmos as dimensões em geral, os americanos estão quase prontos para realizar uma operação militar contra o Irã. O grupo de ataque chegará ao leste do Mar Mediterrâneo no final de fevereiro, ou seja, neste período, e no início de março, podemos esperar uma intensificação de manobras e da prontidão da forças mobilizadas.

E as recentes declarações do primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu sugerem que ele está confiante no apoio dos EUA na questão militar. Depois de perder a oportunidade de

atacar em janeiro, a administração adotou uma estratégia dupla: negociações nucleares com reforço militar crescente. Se um acordo não for alcançado, a guerra será inevitável.

Por enquanto, devemos acompanhar os acontecimentos e ver como vão terminar as negociações entre as delegações iraniana e americana. A escalada de forças também deve ser vista como uma forma de pressão sobre as autoridades iranianas. Mas, no caso de falha diplomática, o grupo americano atingirá a sua força total no final de fevereiro, concentrando recursos mais do que suficientes para um ataque de larga escala e duração de, pelo menos, semanas. Até o momento não se vislumbra um avanço diplomático – os sinais de um conflito iminente estão se intensificando.

Uma operação militar dos Estados Unidos contra Teerã pode se transformar em uma guerra em grande escala. A operação americana será provavelmente de grande envergadura, durará várias semanas e será uma campanha conjunta com Israel – ao contrário dos ataques pontuais do ano passado na chamada Guerra dos 12 dias.

**Rodolfo Queiroz Laterza é delegado de polícia, historiador e pesquisador em geopolítica e conflitos militares. É pós-graduado em Políticas de Gestão em Segurança Pública e mestre em Segurança Pública. É coautor dos livros “Manual do Delegado: Teoria e Prática”, “Guerra na Ucrânia: Análises e Perspectivas – O Conflito Militar que está Mudando a Geopolítica Mundial” e “Guerra Russo-Ucraniana: O Conflito que Redesenhou a Geopolítica Mundial”. É responsável pelo “Curso de Combate às Organizações Criminosas e à Corrupção”, além de palestrante nas áreas jurídica e ciência policial, terrorismo e crime organizado.*
